

Agradecimentos

Instituições
Biblioteca do IFCS/UFRJ
Fundação Biblioteca Nacional
Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo
Fundação Joaquim Nabuco
Instituto Fernando Henrique Cardoso
Instituto de Estudos Brasileiros - USP
Jornal *Estado de Minas Gerais*

Colaboradores
Alberto Venâncio Filho
Alice de Paiva Abreu
Ana Laudelina Lima Gomes
Antonio Sergio Guimarães
Arlem Guerra
Camilo Flamarion
César Barreira
Danielle Ardaillon
Elisa Gomes
Elisa Reis
Evaristo de Moraes Filho
Fábio Wanderley Reis
Guilherme Pinto de Carvalho
Heloisa Martins
Heraldo do Souto Maior
Jacob Lima
José Antonio Segatto
José Arthur Rios
Josefa Salete Cavalcante
Luana Moreira Pamplona
Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros
Maria Arminda do Nascimento Arruda
Maria Stella Amorim
Maria Stela Grossi Porto
Michel Misse
Miriam Cavour

Moema Toscano
Paulo José
Pedro Paulo Soares
Regina Vitorino
Rodrigo Estramanho de Almeida
Sergio Adorno
Silke Weber
Vilma Figueiredo
Vilma José dos Santos
Vladimir Sachetta
Yvonne Maggie



Sociedade Brasileira de Sociologia
60 *anos*

Ficha técnica da exposição

Curadoria

Nísia Trindade Lima - Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz

Comissão de Pesquisa

Nísia Trindade Lima - COC/Fiocruz

André Botelho - IFCS/UFRJ

Glaucia Villas-Bôas - IFCS/UFRJ

Marcos Chor Maio - COC/Fiocruz

Regina Morel - IFCS/UFRJ

Simone Meucci - UFPR

Tom Dwyer - UNICAMP

Produção

Carlos Fidelis Ponte - Casa de Oswaldo Cruz

Criação e coordenação do projeto da exposição

Sergio Magalhães - Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz

Texto

Nísia Trindade Lima - Casa de Oswaldo Cruz

Revisão de texto

Gustavo d'Ávila Mello Camargo

Projeto gráfico

Maria Aparecida Ramos - Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz

Diagramação

Maria Aparecida Ramos - Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz

Tratamento de imagens

Maria Aparecida Ramos - Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz

Sergio Magalhães - Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz

Ilustrações

Sergio Magalhães - Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz

Museologia

Eloisa Ramos Sousa - Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz

Montagem

Luciano Santos Almeida - Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz

Reprodução e arquivo de imagens

Tatiana Leite Molina Pereira - SBS

Fotografia de documentos e livros

Roberto Oscar - DAD/Casa de Oswaldo Cruz

Vinicius Pequeno - DAD/Casa de Oswaldo Cruz

Assistente de pesquisa e produção

Tatiana Leite Molina Pereira - SBS

Estagiárias

Marina Calaza - Programa de Iniciação Científica CNPq

Luciana Pereira - Programa de Apoio à Pesquisa da Casa de Oswaldo Cruz

Apoio administrativo

Sheyla Amorim - DEPES/Casa de Oswaldo Cruz

Acervos

Acervo Evaristo de Moraes Filho

Arquivo Fernando de Azevedo - IEB/USP

Arquivo Ulisses Guimarães - CPDOC-FGV

Biblioteca IFCS - UFRJ

Companhia da Memória

Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo

Fundação Biblioteca Nacional

Fundação Gilberto Freyre

Fundação Joaquim Nabuco

International Sociological Association

Instituto Fernando Henrique Cardoso

Sociedade Brasileira de Sociologia

Universidade Federal do Paraná

Apoio

Fórum de Ciência e Cultura

Núcleo de Pesquisa em Sociologia da Cultura - UFRJ/CNPq

Programa Cientista do Nosso Estado/FAPERJ.

Sociedade Brasileira de Sociologia: 60 anos

Sociedade Brasileira de Sociologia

Presidente

Tom Dwyer - UNICAMP

1º Vice Presidente

Heloísa Helena Teixeira de Souza Martins - USP

2º Vice Presidente

Ana Maria Fernandes - UnB

Secretária Geral

Celi Scalón - UFRJ

Tesoureira

Maíra Baumgarten Corrêa - UFRGS

1º Secretário

Marco Aurélio Santana - UFRJ

2º Secretário

Pedro Célio Alves - UFGO

Diretores

Cynthia Hamlin - UFPE

Irllys Alencar Firmo Barreira - UFC

José Miguel Rasia - UFPR

Antônio Augusto Prates - UFMG

Antônio Carlos Witkoski - UFAM

Conselho Fiscal

Eliana Monteiro Moreira - UFPB

Horácio Antunes de Sant'Ana Júnior - UFMA

Inaiá de Carvalho - UFBA

Presidência do XIV CBS

Glaucia Villas Bôas - UFRJ

Comissão organizadora local

Glaucia Villas Bôas - UFRJ

Bila Sorj - UFRJ

Celi Scalón - UFRJ

Elisa Reis - UFRJ

José Ricardo Ramalho - UFRJ

Júlia Belessi - UNIRIO

Ligia Dabul - UFF

Luiz Gak - UNIRIO

Marco Aurélio Santana - UFRJ

Maria Lígia Barbosa - UFRJ

Maria Josefina Gabriel Santanna - UERJ

Marilea Venâncio Porfírio - UFRJ

Wania Mesquita - UENF

Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz

Presidente da Fundação Oswaldo Cruz

Paulo Ernani Gadelha Vieira

Vice-Presidente de Ensino, Informação e Comunicação

Maria do Carmo Leal

Diretora da Casa de Oswaldo Cruz

Nara Azevedo

Vice-Diretora de Pesquisa, Educação e Divulgação Científica

Cristina Fonseca

Chefe do Museu da Vida

Luisa Massarani

Sociedade Brasileira de Sociologia

60 anos

Conhecimento da realidade, imaginação e utopia: estas são algumas palavras que resumem a vocação das ciências sociais no Brasil e da sociologia em particular. Refletir sobre o seu significado implica considerar os sociólogos como atores em processos coletivos tais como sua organização em associações profissionais e científicas.

*A exposição **Sociedade Brasileira de Sociologia: 60 anos** pretende contribuir para esse esforço mais amplo de pensar a identidade da sociologia e seu papel na sociedade. Com este objetivo, procurou-se apresentar a trajetória da instituição, observando a agenda intelectual predominante em cada período. Pretende-se, a partir desta iniciativa, contribuir para a construção de uma memória da SBS.*

Origens da imaginação sociológica no Brasil

Não é possível estabelecer um marco de origem para o pensamento sociológico no Brasil. Contudo, podemos identificar na segunda metade do século XIX os primeiros textos de análise social que causaram profundas implicações na história das ciências sociais. Sobretudo, a partir de 1870, o questionamento recorrente sobre “que país é este”, em obras como a de Silvio Romero, foi objeto de um número crescente de estudos. Entre eles, *Os sertões*, de Euclides da Cunha, publicado em 1902, contribuiu para a visão dualista (sertão/litoral; um Brasil tradicional/um Brasil moderno), tão presente em nosso pensamento social.



A charge de J. Carlos representa a descoberta de Jeca Tatu por Rui Barbosa em sua conferência “A questão social e política do Brasil”, proferida em 1919. Criada por Monteiro Lobato, a história de Jeca Tatu - de caboclo condenado pela raça a brasileiro redimido pela higiene - tornou-se uma das mais populares da literatura brasileira.

Até a década de 1940, a reflexão sobre o país foi predominante nos esforços de análise publicados em livros que discutiram a formação do Estado e da sociedade. Alberto Torres, Manoel Bonfim, Oliveira Vianna, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, entre outros autores, criaram “retratos do Brasil” com os quais ainda hoje dialogam os sociólogos brasileiros. Também para os escritores modernistas, a interpretação do país e de temas recorrentes, como a mestiçagem, assumiu lugar de destaque, a exemplo de *Macunaíma* de Mario de Andrade.



A adaptação do livro de Mario de Andrade representou um dos grandes momentos do cinema brasileiro. A qualidade da direção de Joaquim Pedro de Andrade, somou-se o talento artístico do elenco.



Ensino de sociologia no ensino médio

A sociologia aparece como disciplina escolar desde o início do século XX no processo de constituição do sistema de ensino brasileiro. Entretanto, tem uma trajetória instável, ou seja, a cada reforma da educação desde 1925, ora ela é obrigatória e ora ela não é. Isso dificultou a criação de uma tradição de ensino voltada para a escola. Quando o debate sobre a possibilidade de incluí-la novamente reaparece nas entidades sindicais, nas organizações estudantis, em algumas instituições de ensino superior e cursos de ciências sociais, faz-se outra vez um esforço de retomada da história da institucionalização e de articulação entre os sociólogos que continuaram trabalhando nas escolas. Texto de apresentação do I Encontro Nacional sobre Ensino da Sociologia Básica

A promulgação da Lei de Diretrizes e Bases do Ensino Nacional, em 1996, contribuiu para a inclusão da sociologia no ensino fundamental e médio. Contudo, as Diretrizes Curriculares do Ensino Médio, aprovadas posteriormente pelo Conselho Federal de Educação, definiram que a presença da sociologia não deveria ser obrigatória como disciplina, mas abordada a partir de conteúdos tratados de modo interdisciplinar. Este fato motivou ampla mobilização que envolveu entidades sindicais dos sociólogos e associações científicas como a Anpocs e a SBS. Tal processo culminou na mudança das DCNEM, em 2006 e na promulgação, em 2008, da lei que obriga a inclusão da filosofia e sociologia em todos os currículos das escolas de ensino médio do país.



É um fato bastante significativo a realização do I Encontro Nacional sobre o Ensino da Sociologia na Educação Básica. Às vésperas do XIV CBS, uma clara indicação da prioridade que vem sendo atribuída à sociologia no ensino médio. Entre as iniciativas anteriores, destaca-se o I Seminário Nacional de Educação em Ciências Sociais, realizado em 17 e 18 de abril de 2008, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Nos encontros promovidos pela SBS, os efeitos da descontinuidade da presença da sociologia na história educacional brasileira têm sido discutidos, ao mesmo tempo em que se propõem orientações curriculares, métodos pedagógicos e, de modo especial, procura-se contribuir para a formação dos professores.

XIII Congresso 2007

Desigualdade, diferença e reconhecimento

A diretoria que assume hoje tem um trabalho ao mesmo tempo grande e complexo a realizar. Teremos que eleger prioridades dentre as quais gostaria de destacar algumas: garantir que a reintrodução da Sociologia no ensino médio seja feita com qualidade e de modo a fortalecer a disciplina; reforçar a capacidade da Sociologia brasileira de refletir de maneira rigorosa sobre as transformações no país; contribuir a manter a disciplina aberta à variedade de objetos e de abordagens teóricas e epistemológicas sem levar à excessiva fragmentação; garantir o espaço das ciências sociais dentro de um cenário marcado pela tendência de crescente de padronização da mensuração da produtividade científica; e internacionalizar não apenas o foco, mas também o alcance da nossa sociologia. Tom Dwyer, discurso de posse da gestão 2007-2009. XIII Congresso Brasileiro de Ciências Sociais



O discurso pronunciado durante o XIII Congresso realizado em Recife resume as principais preocupações que têm orientado as ações da SBS. A afirmação da sociologia como ciência atualiza-se diante dos parâmetros de avaliação dos sistemas de pós-graduação e de pesquisa científica implantados com êxito no país, por meio da ação de agências governamentais - CAPES e CNPq. Do mesmo modo, o tema do ensino de sociologia na escola de nível médio desafia a criatividade e a capacidade dos sociólogos na elaboração de programas e materiais didáticos de qualidade e na formação de professores nos cursos de licenciatura.



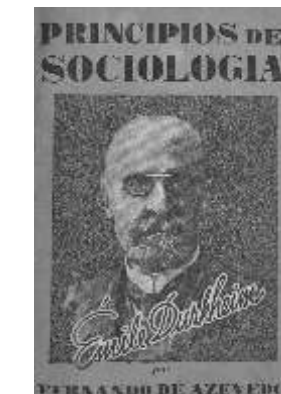
Ao mesmo tempo em que são abordados temas que guardam uma relativa continuidade com os anos de fundação, novos objetos e abordagens indicam descontinuidades e desafios para a imaginação sociológica, como se expressou no debate sobre o reconhecimento das diferenças durante o XIII CBS.

Outro dado importante refere-se ao panorama institucional, caracterizado pela presença de mais de 30 programas de pós-graduação em sociologia que expressam a diversidade regional, temática, teórica e metodológica da disciplina no Brasil contemporâneo.

O movimento dos educadores: ensino e divulgação da sociologia

Os educadores foram os primeiros a chamar a atenção para as possibilidades da educação em face das alterações das condições de existência social. A idéia de preparar as gerações novas para uma “civilização em mudança” tornou-se uma receita de considerável disseminação. Florestan Fernandes. I Congresso Brasileiro de Sociologia, 1954

Datam da década de 1920 os primeiros esforços sistemáticos de criar espaços institucionais para a difusão e ensino de sociologia. Eles estiveram presentes no movimento dos educadores, que reuniu intelectuais como Fernando de Azevedo, Francisco Venâncio Filho, Edgar Roquette-Pinto, Anísio Teixeira, Vicente Licínio Cardoso e Lourenço Filho. Além da difusão de novas ideias pedagógicas, esses intelectuais participaram de reformas educacionais em âmbito estadual durante os anos de 1920. Gilberto Freyre, por exemplo, foi professor de sociologia do ensino normal em Pernambuco, de 1929 a 1930, após a reforma implementada por Antonio Carneiro Leão. Iniciativas semelhantes foram lideradas por Lourenço Filho, no Ceará, Sampaio



Dória, em São Paulo e Fernando de Azevedo, no Rio de Janeiro.

Os educadores lutaram pela introdução da sociologia na escola secundária, publicaram livros didáticos na forma de manuais, e promoveram a tradução e a divulgação de livros como

Educação e Sociologia, de Émile Durkheim. A influência do sociólogo francês está representada inclusive na capa de Princípios de Sociologia, de Fernando de Azevedo.

A sociologia era percebida como instrumento crucial para a modernização da sociedade e, nessa perspectiva, deveria estar presente no processo de formação do cidadão. A partir de tal pressuposto, tornou-se disciplina obrigatória na escola secundária, por meio da Reforma Francisco Campos (1931). Sociologia, educação e reforma social eram, então, termos indissociáveis.



Visita à Escola Equador, em Vila Isabel, Rio de Janeiro, em setembro de 1927. Durante a reforma educacional liderada por Fernando de Azevedo (primeiro à esquerda). Arquivo Fernando de Azevedo. IEB/USP

A criação dos cursos de ciências sociais em São Paulo

Um momento importante no processo de institucionalização universitária das ciências sociais ocorreu com a criação, na cidade de São Paulo, da Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP), em 1933, e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL), da Universidade de São Paulo, em 1934.



Formatura da turma do mestrado da ELSP em 1947. Florestan Fernandes é o primeiro, à direita (primeira fila). Acervo Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP).



Donald Pierson em seu gabinete na ELSP. (foto da esquerda) e em pesquisa de campo (primeiro à direita). Acervo FESPSP.



Na ELSP deu-se a primeira experiência de ensino de pós-graduação. A ênfase no trabalho de campo era uma característica importante dos cursos e pesquisas realizados sob a coordenação do sociólogo norte-americano Donald Pierson. Muitos dos cientistas sociais que lá atuaram como docentes, a exemplo de Antonio Rubbo Müller, Oracy Nogueira e Vicente Unzer de Almeida, vieram a constituir a primeira diretoria da SBS.

A FFCL desempenhou papel relevante na criação da SBS e destacou-se por meio da atuação, entre outros, de Fernando de Azevedo, Antonio Candido, Florestan Fernandes, Octavio Ianni, Fernando Henrique Cardoso, Oracy Nogueira, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Maria Sylvia de Carvalho Franco, Gilda de Mello e Souza, Gabriel Cohn e José de Souza Martins, considerando-se apenas as primeiras gerações que ali exerceram a docência. Em suas origens confluíram o projeto de educadores como Fernando de Azevedo e as contribuições teóricas e metodológicas de professores europeus, sobretudo da missão francesa.



Sessão de defesa da tese de doutorado de Octavio Ianni, na USP em 1961. Acervo da família



Fernando Henrique Cardoso (em pé) e Octavio Ianni (segundo à direita). Acervo



Florestan Fernandes em uma de suas aulas da cadeira de Sociologia I, na USP, no início da década de 1960. Acervo: Companhia da Memória.

XII Congresso - 2005

Sociologia e realidade: pesquisa social no século XXI

Articular Sociologia, realidade e pesquisa social no século XXI é revisitar, redefinindo, genuína preocupação durkheimiana com uma teoria da investigação social, que é a forma como Florestan Fernandes se refere às regras do método sociológico”. É, da mesma forma, revisitar o interesse do que para Weber seria característico de uma sociologia compreensiva. Vale dizer: retomar a ênfase explicativa a partir do empiricamente vigente. Cuidados teórico-metodológicos pertinentes aos primórdios da constituição da Sociologia como ciência, que se potencializam e se atualizam no alvorecer desse século XXI, pleno de complexidades, fragmentações, pluralidade, fragilidades e multiplicidade de sentidos, fenômenos decorrentes da hipercomplexificação da realidade social e que demandam um refinamento do instrumental disponível para sua análise. Maria Stela Grossi Porto, XII Congresso Brasileiro de Sociologia, 2005



Cerimônia da concessão do Prêmio Florestan Fernandes a Heraldo do Souto Maior, Juarez Brandão Lopes e Vilma Figueiredo durante o XII CBS, em Belo Horizonte. Da esquerda para a direita: Ana Maria Fernandes, Juarez Brandão Lopes, Lourdes Bandeira e Heraldo do Souto Maior. Acervo da SBS

As preocupações mencionadas pela presidente da SBS reforçam uma linha de questionamentos e debates que se expressaram desde o VI Congresso da SBS Se a sociologia foi concebida, como o fez Florestan Fernandes, enquanto um produto cultural do mundo ocidental moderno, as sociedades contemporâneas colocam novos problemas para a análise sociológica: fragmentação de interesses; mudanças radicais no mundo do trabalho e novas formas de sensibilidade encontram-se entre os principais desafios.



Trabalhos apresentados na programação Sociólogos do Futuro durante o XII Congresso Brasileiro de Sociologia. Acervo da SBS

Com base nessas preocupações, o XII Congresso privilegiou os seguintes eixos: desafios para a teoria e a pesquisa sociológicas; dilemas éticos, políticos e religiosos da condição humana na contemporaneidade; estado e políticas públicas; conhecimento científico e fronteiras; e ciência, tecnologia e inovação. Durante o evento foi eleita a diretoria presidida por Tom Dwyer (2005-2007), reconduzido a essa posição no XIII CBS.

A Sociedade Brasileira de Sociologia no Século XXI

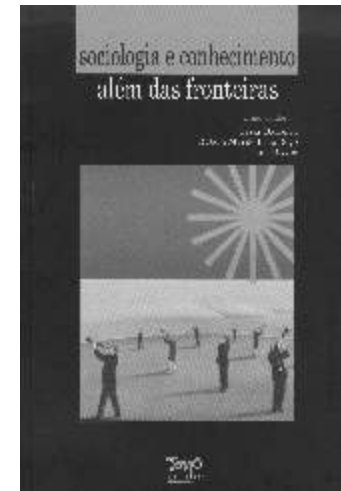
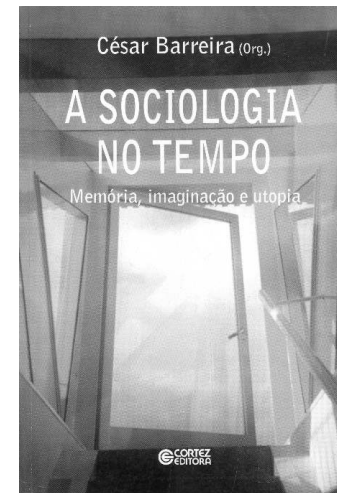
A Sociologia contemporânea reflete as (mudanças e) transformações que percorreram o século XX, expressando também os débitos de uma inconclusa cidadania. Os movimentos sociais dos anos 1960 e 1970, os movimentos dos estudantes, em 1968, de França ao Brasil; as mobilizações contra as ditaduras militares na América Latina; as lutas por direitos civis e políticos; a emergência dos direitos sociais e da quarta geração dos direitos humanos; o movimento feminista; as lutas das nações indígenas e o início do movimento ambientalista foram e têm sido, dentre outros, fontes perenes de preocupação e renovação do pensamento sociológico. César Barreira, A sociologia no tempo. Memória, imaginação e utopia, 2003

O discurso proferido por Cesar Barreira durante o X Congresso Brasileiro de Sociologia, realizado em Fortaleza, de 3 a 6 de setembro de 2001, situou a agenda de pesquisas e debates, apontando a relativa continuidade entre os problemas e os movimentos sociais da segunda metade do século XX e os objetos da sociologia no século XXI. A SBS, seguindo sua tradição, continuava a aliar as preocupações de natureza teórico-metodológica à reflexão sobre os processos de transformação em curso na sociedade. De certo modo, se poderia dizer que ciência e política seguiam juntas, como uma vocação única das ciências sociais e da sociologia em particular.

Se a identidade da sociologia esteve no cerne das preocupações de todas as gestões e congressos mencionados, o XI CBS, realizado em Campinas, em 2003, propôs ultrapassar as fronteiras do conhecimento. Nas palavras de Maria Stela Grossi, eleita durante o evento:

O XI Congresso retoma, com novas roupagens, sobretudo, com novos instrumentais metodológicos, as questões de inter, transdisciplinaridade, ao selecionar Sociologia e Conhecimento além das fronteiras como seu tema de trabalho. Pode-se dizer que, consolidado o campo e construída a identidade, a sociologia

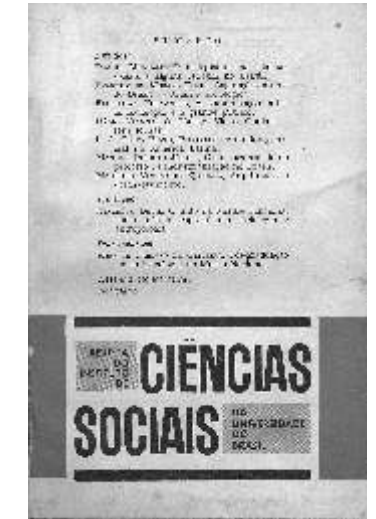
ousa, e o faz a partir da proposta de exacerbar a reflexão, caracterizando um claro movimento em direção à discussão da inter/multidisciplinaridade, aí incluídos possibilidades, limites e desdobramentos. Maria Stela Grossi Porto. Sociologia e conhecimento: além das fronteiras. 2006



Os primeiros cursos de ciências sociais no Rio de Janeiro: as experiências da Universidade do Distrito Federal e da Universidade do Brasil

No Rio de Janeiro, sob a liderança do educador Anísio Teixeira, criou-se, em 1935, a Universidade do Distrito Federal que contou entre seus professores com Gilberto Freyre. A experiência teve curta duração, em função do contexto político autoritário e da decretação do Estado Novo.

Pouco depois, a criação do curso de ciências sociais na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, em 1939, representou outro espaço universitário importante para estas ciências.



Lançamento da Revista do Instituto de Ciências Sociais, da Universidade do Brasil, em 1962. Da esquerda para a direita: Roberto Cardoso de Oliveira, Djacir Menezes, Luciano Martins, Edson Carneiro, Costa Pinto, Evaristo de Moraes Filho e Pedro Calmon. Os dois últimos à direita são José Honório Rodrigues e Roberto Dannemann. Acervo Evaristo de Moraes Filho

Nele lecionaram, entre outros, Álvaro Vieira Pinto, Josué de Castro, Arthur Ramos, Evaristo de Moraes Filho, Victor Nunes Leal, Roberto Cardoso de Oliveira e Luiz de Aguiar Costa Pinto. Esse último presidiu a Seção Regional do Distrito Federal da SBS, nos primeiros anos de atuação da entidade, atuou como vice-presidente da International Sociological Association - ISA (1956-59) e dirigiu o Centro de Pesquisas Latino-Americanas (1957-61), tendo realizado estudos nos campos da sociologia do desenvolvimento e das relações raciais. Em 1958, foi criado, na Universidade do Brasil, o Instituto de Ciências Sociais numa tentativa de ampliar as atividades acadêmicas e estimular a pesquisa.

Uma época de grandes projetos

Para se entender as bases institucionais da sociologia, faz-se necessário considerar fatores que não se resumem ao perfil das universidades que abrigaram os primeiros cursos de ciências sociais. De grande importância foram os projetos que congregaram centros universitários e de pesquisa de diferentes estados do país.

No início dos anos 1950, a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) patrocinou um programa de pesquisas sobre as relações raciais no Brasil. Ele fazia parte da agenda de luta contra o racismo, ainda sob o impacto do genocídio nazista e da persistente visibilidade do racismo e, do colonialismo após o término da 2ª Guerra Mundial.

Naquele momento, o Brasil foi visto como contraponto às experiências do racismo nos EUA, à recente experiência européia e à da África do Sul.



A criação da SBS e a primeira década de atuação



Como consequência dessa premissa, uma rede transatlântica de sociólogos e antropólogos (Charles Wagley, Roger Bastide, Luiz de Aguiar Costa Pinto, Oracy Nogueira, Florestan Fernandes, Thales de Azevedo, René Ribeiro, Edson Carneiro, Marvin Harris, William Harry Huntchinson e Benjamim Zimmerman) desenvolveu pesquisas no Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco e Bahia, gerando um amplo quadro interpretativo das relações raciais no Brasil.

Os participantes das pesquisas verificaram, a um só tempo, as desigualdades sócio-raciais existentes no país e as especificidades do racismo à brasileira. Julgaram, a partir das lentes do otimismo sociológico, que o desenvolvimento vigente nos anos 1950 oferecia as condições necessárias à superação das profundas assimetrias sócio-raciais presentes no Brasil. O projeto UNESCO influenciou sobremaneira as carreiras científicas de diversos sociólogos brasileiros - Florestan Fernandes, Oracy Nogueira, Costa Pinto, Fernando Henrique Cardoso, Octavio Ianni - e foi um marco no desenvolvimento das nossas ciências sociais.

Consolidação e crescimento da SBS

No período de 1995 a 1997, durante a gestão presidida por Antonio Sergio Guimarães, foram realizadas três reuniões científicas promovidas pela SBS. Em 1996, durante a reunião da SBPC, ocorreu o workshop “Os rumos da ordem pública no Brasil”, na PUC-São Paulo, com três conferências, dois cursos e seis simpósios. Em 1997, durante a Reunião Anual da SPBC, foram oferecidos um curso e dois simpósios e em agosto, realizou-se, em Brasília o VIII Congresso, com o tema: A contemporaneidade brasileira: dilemas e desafios para a imaginação sociológica. Este evento reuniu 130 comunicações, distribuídas em quatro conferências, seis mesas redondas e onze grupos de trabalho temáticos, e contou com um número de 250 participantes inscritos. Durante o congresso foi eleita a diretoria presidida por José Vicente Tavares dos Santos (1997-1999), reconduzido à presidência da entidade, durante o IX Congresso Brasileiro de Sociologia, para o período de 1999-2001.

O IX Congresso, realizado em Porto Alegre, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no período de 30 de agosto a 3 de setembro de 1999, teve como tema A sociologia para o século XXI. Um dado significativo foi o grande incremento de participantes e de trabalhos inscritos (cerca de 600). Segundo Jose Vicente Tavares dos Santos e Alfredo Alejandro Gugliano, seu objetivo consistia em:

(...) aprofundar a análise sociológica sobre as questões sociais e as questões do conhecimento na sociedade

contemporânea do século XXI, tais como: o processo de globalização e mundialização; a integração regional e o Cone Sul; a violência urbana e rural; a democracia e a cidadania; as discriminações de raça e de gênero; os problemas da educação; o novo papel do Estado; as atuais concepções de ciência; as novas tecnologias e suas implicações sociais; a formação de novos atores sociais; as mudanças no empresariado; as transformações no mundo do trabalho urbano e rural; as metamorfoses da cultura; os significados das estatísticas sociais; e o impacto da informática na Sociologia.

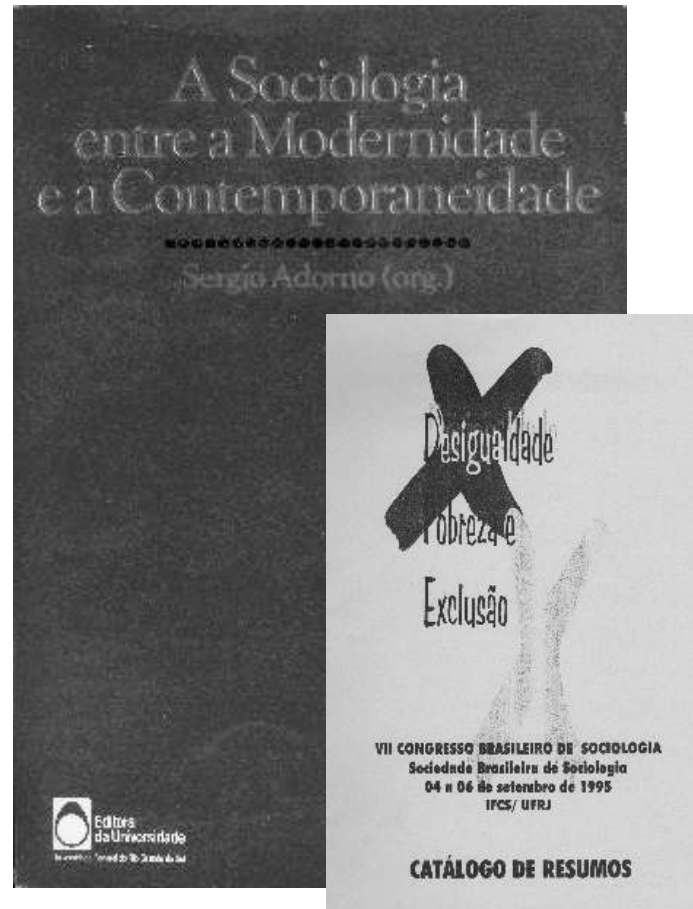
Jose Vicente Tavares dos Santos e Alfredo A. Gugliano.

A sociologia para o século XXI. 1999



Entre a modernidade e a contemporaneidade

(...) por um lado, sociedade, cultura e poder, no Brasil e na América Latina contemporâneos, remetem à pluralidade, à explosão das diferenças, ao consumismo desenfreado e, por outro, à exclusiva e à marginalização política da imensa maioria da população, bem como à enorme desigualdade econômica e social, problemas da modernidade simultâneos aos da contemporaneidade, constituindo um imenso desafio à teoria destas sociedades e à própria teoria sociológica enquanto tal. Sergio Adorno, A sociologia entre a modernidade e a contemporaneidade, 1993



Nos dois períodos de gestão que se seguiram (1991-93 e 1993-95), a SBS foi presidida por Sergio Adorno. Durante esses anos realizaram-se o VI Congresso, em 1993, como parte da programação da 45ª. Reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, no Recife, com o tema *A sociologia entre a modernidade e a contemporaneidade* e o VII Congresso, em 1995, no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS/UFRJ) Rio de Janeiro.

O VII CBS indicou uma mudança em relação aos congressos anteriores, que tenderam a privilegiar como tema central a constituição da Sociologia como disciplina científica e seus desafios teóricos e metodológicos. Seu tema central era *Desigualdade, Pobreza e Exclusão Social*. Nele foi eleita a diretoria presidida por Antonio Sergio Guimarães (1995-1997).

A criação da SBS

(...) Fundada em 1935 sob o nome de Sociedade de Sociologia de São Paulo, e, portanto, há cerca de vinte anos, transformou-se em 1950 na atual Sociedade Brasileira de Sociologia, filiada desde então à Associação Internacional de Sociologia que se constituiu em 1949, em Oslo, por iniciativa e sob os auspícios da Unesco e, a partir, de 1952, à Associação Latino-Americana, criada em Buenos Aires, na qual se agrupam ou tendem a agrupar-se todas as associações científicas do continente, propostas, como a nossa, ao desenvolvimento dos estudos e das pesquisas sociológicas e antropológicas, nos seus respectivos quadros nacionais. Fernando de Azevedo. I Congresso Brasileiro de Sociologia. 1954

A criação da SBS está relacionada à história das ciências sociais no Brasil e em âmbito mundial. Decorreu de fatores internos relativos ao processo de institucionalização da disciplina e também a um contexto internacional, marcado pelos debates do pós 2ª Guerra Mundial, em que se destacou o papel da UNESCO na valorização das ciências sociais.

A decisão de encaminhar a mudança dos estatutos da Sociedade de Sociologia de São Paulo, transformando-a em Sociedade Brasileira de Sociologia ocorreu em assembléia realizada em janeiro de 1950. Durante essa reunião os presentes manifestaram-se pela reorganização da antiga sociedade e pela manutenção do nome Sociedade de Sociologia. Decidiu-se também pela filiação à ISA

No que se refere ao âmbito internacional, representantes brasileiros integraram a diretoria da ISA desde o início de suas atividades. Fernando de Azevedo foi vice-presidente da primeira diretoria constituída em conferência realizada em Oslo, em 1949. Posteriormente ocuparam o mesmo cargo Luiz Aguiar da Costa Pinto (1953-56 e 1956-59) e Fernando Henrique Cardoso (1978-82), que foi eleito

presidente da ISA para o período 1982-86. No período de 1950 a 1959 foram considerados temas importantes para a constituição de uma agenda de pesquisa internacional: estrutura e mudança social; impacto das mudanças das taxas de natalidade; problemas dos países em desenvolvimento e mediação de conflitos. Outro tema relevante consistiu no ensino de ciências sociais, objeto de pesquisa internacional, com financiamento da UNESCO.



V Congresso Latino Americano de Sociologia, realizado em Montevideu em 1959. Da esquerda para a direita: Vicente Unzer, Antonio Rubbo Müller (terceiro), Oracy Nogueira (quinto), Evaristo de Moraes Filho, Hilda de Moraes, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Fernando de Azevedo, José Quirino Ribeiro, Edson Carneiro. Acervo Evaristo de Moraes Filho

I Congresso Brasileiro de Sociologia - 1954

O Ensino e as Pesquisas Sociológicas, organização social, mudança social

O que é nacional, o que é brasileiro, não é a ciência, nem seu aparato conceitual, nem seus métodos e técnicas de investigação, mas um determinado campo de estudos, o objeto particular, a realidade concreta em que trabalha, que investiga, com seus conceitos e técnicas que, sendo científicos, são por definição universais. Fernando de Azevedo, I Congresso Brasileiro de Sociologia, 1954



Fernando de Azevedo proferindo sua oração. Acervo FESPSP



Guerreiro Ramos. Acervo Núcleo de Pesquisa em Sociologia da Cultura/UFRJ

Em particular, Guerreiro Ramos criticou em suas intervenções o que considerava o caráter alienado da sociologia brasileira:

Esse trabalho corresponde à tomada de consciência de uma das tarefas que me parecem fundamentais à sociologia no Brasil, qual seja, a de formular uma interpretação do Brasil (...) para uma intervenção no processo de desenvolvimento econômico-social do país (Guerreiro Ramos, 1954)



Comissão Organizadora do I Congresso Brasileiro de Sociologia realizado durante as festividades do IV Centenário de São Paulo. Da esquerda para a direita: Antonio Rubbo Müller, Egon Schaden, Fernando de Azevedo, José Quirino Ribeiro, Vicente Unzer, Oracy Nogueira e Antonio Candido.

O temário do congresso revelou a preocupação com três eixos: o estatuto de cientificidade da sociologia, suas teorias e métodos; o ensino da sociologia; e os processos de mudança social, uma das questões de maior peso na agenda dos sociólogos da década de 1950. As relações entre sociologia e realidade nacional foram abordadas em diversas comunicações e consistiram em um dos temas de controvérsia durante o evento.

Consolidação da SBS

O período de 1989 a 1995 pode ser considerado como de consolidação da SBS. Anos cruciais para o processo de redemocratização da sociedade brasileira, foram marcados inicialmente por incertezas e dificuldades econômicas e políticas. Em um primeiro momento, foram assinaladas as condições adversas para as atividades de ciência e tecnologia, durante o Governo Fernando Collor de Mello. É o que lembra, entre outros documentos, o relatório da gestão de Simon Schwartzman (1989-1991):

A proposta mestra seria o projeto da Enciclopédia Brasileira de Sociologia que almejava proporcionar um quadro o mais abrangente possível da sociedade brasileira em todos os seus aspectos. (...) Foi elaborado o projeto e solicitado financiamento ao Centro Cultural do Banco do Brasil em 15 de fevereiro de 1990. Em março do mesmo ano veio o Plano Collor e o projeto caiu no esquecimento.

Durante essa gestão e nos momentos seguintes, a SBS participou ativamente das reuniões anuais da SBPC. Além da realização de eventos, estava em pauta o engajamento da sociedade nas discussões propostas pela comunidade científica brasileira. A SBPC, espaço privilegiado para o debate acadêmico e político durante o regime militar, mantinha-se como importante fórum para as mobilizações em torno da política científica nacional.

Em julho de 1991, integrado à programação da 43ª. Reunião Anual da SBPC, realizou-se o V CBS, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, com o



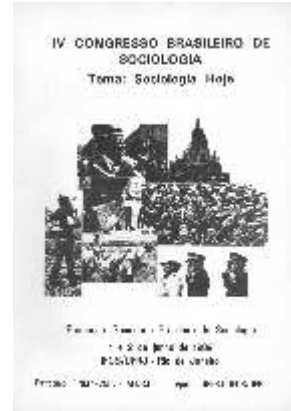
tema História e Trajetória da Sociologia no Brasil. Dele constaram os seguintes workshops: Universidade, Ciência, Racionalidade e Mercado de Trabalho; o Estudo Sociológico da América Latina; Trabalho, Sindicato e Cidadania; Universidade Brasileira: Projetos e Diferenciações Históricas; Tópicos da História da Esquerda no Brasil;

III Congresso Brasileiro de Sociologia -1987

Sociologia, sociologias

...cabe interrogar-se a fundo, saber interrogar a sociedade de modo novo e inteligente. Sem isso, nada poderemos afirmar, o que é pior, não sabermos cumprir a exigência primeira da ciência: formular bem a boa questão no bom momento. A Sociologia como interrogação não é mera introspecção. A sua interrogação, levada a fundo, incorpora a afirmação e a negação; é o caminho para formar-se a Sociologia sem perder a força para negar-se a sociedade pela única via que importa, que é a crítica concreta, racionalmente fundamentada, estribada nos fatos e alheia a qualquer concessão à moda, à oportunidade ou simples acomodação. Gabriel Cohn, A sociologia como interrogação, III Congresso Brasileiro de Sociologia, 1987

Evento crucial por retomar a tradição de encontros da SBS, o III CBS conferiu especial atenção ao tema da ordem democrática no Brasil. As mudanças em curso na sociedade expressaram-se também na inclusão de novos e relevantes tópicos de fins do século XX: o impacto da problemática ambiental e da epidemia de AIDS. À semelhança do período anterior a 1964 questões teórico-metodológicas continuaram a ocupar importante espaço na agenda de debates.



Durante o III CBS foi eleita a diretoria presidida por José Albertino Rodrigues que realizou, em 1989, no IFCS, UFRJ, o IV Congresso Brasileiro de Sociologia. O temário e as ilustrações na capa do programa expressaram a preocupação com questões teórico-metodológicas como a interdisciplinaridade e também a reflexão com as mudanças sociais e políticas no país. Os anos iniciais do processo de recriação da SBS ocorreram sob o signo da redemocratização, marcados pela aprovação da nova constituição em 1988.



III Congresso Brasileiro de Sociologia, realizado em Brasília em 1987. Acervo pessoal de Elisa Reis

Ensino de sociologia:

grande debate do I Congresso Brasileiro de Sociologia

O ensino das ciências sociais no curso secundário seria uma condição natural para a formação de atitudes capazes de orientar o comportamento humano no sentido de aumentar a eficiência e a harmonia das atividades baseadas em uma compreensão racional das relações entre os meios e os fins, em qualquer setor da vida social. Florestan Fernandes. I Congresso Brasileiro de Sociologia, 1954

Um dos temas mais debatidos durante o I Congresso Brasileiro de Sociologia o ensino de sociologia, ou, por vezes, das ciências sociais - já havia sido objeto de discussões intensas no Congresso de Sociologia do Paraná, realizado em janeiro de 1954, e de número especial da revista Sociologia, publicado em 1949.

As discussões fundamentaram-se na leitura da comunicação “O ensino da sociologia na escola secundária brasileira”, na qual Florestan Fernandes analisava a importância da sociologia na formação geral dos estudantes e levantava uma série de questões que deveriam ser avaliadas para tornar frutífera sua incorporação no ensino médio.



Público do I Congresso Brasileiro de Sociologia. Acervo Evaristo de Moraes Filho

O plenário deliberou pela: “inclusão da sociologia como disciplina autônoma no segundo ciclo do Ensino Secundário anexo a faculdades em que haja cursos de ciências sociais”. Decidiu ainda pela conversão das perguntas contidas na comunicação de Florestan Fernandes numa base de um inquérito junto a professores de ciências sociais.

A criação das seções regionais da SBS

Que ela atenda senão a uma necessidade, ao menos a uma legítima aspiração de todos os que trabalham no campo de nossa ciência, aí estão, para prová-lo, a simpatia e o interesse que vem despertando em todos os centros culturais do país, com suas importantes seções já instaladas em Pernambuco, no Paraná, em Minas Gerais e em Santa Catarina ou que se acham em fase de organização. Fernando de Azevedo, I Congresso Brasileiro de Sociologia, 1954

Em Pernambuco, foi na década de 1950 que se pôde observar a institucionalização do ensino superior e da pesquisa em ciências sociais. Os primeiros sócios da SBS incluíam pesquisadores da Fundação Joaquim Nabuco e professores da Faculdade de Filosofia. A primeira instituição, criada em 1949, resultou de projeto de lei do então deputado federal Gilberto Freyre, que foi um dos primeiros sócios da SBS em Pernambuco. No estado despontava também um grupo originário da Faculdade de Direito, no qual se destacava Luiz Pinto Ferreira, responsável nos anos de 1950 pela cadeira de sociologia da recém criada Faculdade de Filosofia de Pernambuco. Pinto Ferreira presidiu a seção regional da SBS.



Memorial Joaquim Nabuco, em Recife. Fotografia de Josenildo Freire, 1980. Acervo Fundação Joaquim Nabuco

No Paraná, o Instituto de Pesquisas Sociais da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFPR foi criado em outubro de 1950, sob direção de Loureiro Fernandes. Em 1952, o Instituto de Pesquisas Sociais promoveu o desdobramento da área de antropologia e etnologia em duas: sociologia e folclore. Coube a Euclides Mesquita, presidente da seção regional da SBS no Paraná, a direção da área de sociologia.

Criada, em 1956, a seção de Santa Catarina tinha como presidente Henrique Stodieck, professor da Faculdade de Direito e importante liderança jurídica. Segundo o relatório da diretoria da SBS naquele ano, eram oito os sócios da SBS no estado. Do mesmo modo que em Pernambuco, nota-se a forte associação entre a sociologia e os cursos jurídicos.



Museu de Etnografia, organizado por Loureiro Fernandes. Acervo da Universidade Federal do Paraná.



Fachada do antigo prédio da Faculdade de Filosofia de Ciências Humanas do Paraná. Acervo da UFPR

A recriação da SBS



Atividade da SBS, em 1986, durante a 38ª Reunião Anual da SBPC em Curitiba. Da esquerda para a direita: Vilma Figueiredo, Gabriel Cohn, Regina Morel, Maria Izabel Tavares Mendes e Alice Rangel de Paiva Abreu. Acervo pessoal de Alice Rangel de Paiva Abreu

Em meados dos anos 1980, um pequeno grupo de sociólogos, ativos na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (...) sentiu-se motivado a fazer reviver a Sociedade Brasileira de Sociologia. Nesse momento, era evidente a importância das sociedades científicas para a promoção das diferentes disciplinas e, no caso da Sociologia, já existindo a Sociedade, o trabalho seria, então, restaurá-la. Tomamos a tarefa como missão, e, a partir do pequeno grupo constituído por José Albertino Rodrigues, Gabriel Cohn, Sergio Miceli, Alice Rangel de Paiva Abreu, Elisa Reis e eu mesma, a idéia foi se alastrando ganhando adeptos fervorosos em diferentes regiões do País. Vilma Figueiredo, A sociologia no tempo, 2005

Pouco se pode acrescentar ao completo relato realizado por Vilma Figueiredo sobre o processo de recriação da Sociedade Brasileira de Sociologia, criada em 1948 mas inativa desde o início dos anos sessenta, na coletânea A Sociologia no tempo: memória, imaginação e utopia. Tal como ali relatado, um pequeno grupo de sociólogos no 8º Encontro Anual da ANPOCS, em 1984, deu início a uma articulação para recriar a Sociedade Brasileira de Sociologia, que logo encontrou apoio entre os muitos sociólogos brasileiros.

Em 1985 e 1986, nas reuniões da SBPC, a SBS se consolida e formaliza, para, finalmente, em 1987 realizar, em Brasília, o III Congresso Brasileiro de Sociologia. Desde então, a SBS manteve um longo ciclo de congressos que culmina este ano no XIV Congresso Brasileiro de Sociologia, comemorando os 60 anos da Sociedade. É sem dúvida gratificante ter participado desse processo, mas é preciso ressaltar o papel central da Secretaria Executiva e da Presidência nesses anos iniciais. Sem o entusiasmo, motivação e trabalho de Vilma Figueiredo, com o apoio decisivo de Gabriel Cohn, não teria sido possível superar os inúmeros entraves burocráticos para a formalização da “nova” SBS. É, portanto, uma satisfação ver o desenvolvimento cada vez mais consistente e com qualidade da Sociedade Brasileira de Sociologia e desejar que as novas gerações de sociólogos brasileiros continuem o bom trabalho! Alice Rangel de Paiva Abreu, julho de 2009

As ciências sociais nos anos de chumbo: um longo silêncio?

Ciências sociais e democracia: este também poderia ser um título adequado para a exposição SBS: 60 anos. Não por acaso, durante os anos do regime militar tornou-se extremamente difícil rearticular a Sociedade Brasileira de Sociologia, como observou Orlando de Carvalho em carta à diretoria da ISA. A Sociedade de Sociologia de São Paulo, que a antecedeu, experimentara dificuldades semelhantes durante o Estado Novo.

A aposentadoria compulsória de professores universitários e cientistas, após a vigência do ato Institucional n.5, em 1968, foi um dos atos que deixou profundas marcas na vida intelectual e política do país. Entretanto, o período militar não foi caracterizado apenas pelo silêncio. Iniciativas em prol da redemocratização, entre elas o movimento brasileiro pela anistia, estiveram presentes, sobretudo na segunda metade da década de 1970.



Florestan Fernandes deixando a prisão, em 1964, e sendo recebido pelas filhas Heloisa e Noêmia. Acervo Companhia da Memória

A saída de muitos professores do país, seja na condição de docentes, seja como estudantes de cursos de pós-graduação nos Estados Unidos e na Europa, viria a contribuir para o maior intercâmbio e internacionalização das ciências sociais hoje praticadas no Brasil. No período ocorreu a criação dos cursos de pós-graduação na área de ciências sociais em fins da década de 1960, processo ampliado durante os anos de 1970 e que resultou na fundação, em 1977, da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais.



Formatura no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, em dezembro de 1968, na antiga casa da Rua Marquês de Olinda, dias antes do AI-5. Em pé da esquerda para a direita na primeira fila: Eurico de Lima Figueiredo, Jether Pereira Ramalho, Luz Marcela, Gilberto Velho (quinto), Ney, Sônia Fleury, Gisélia Potengy Graboïs (última). Na segunda fila da esquerda para a direita: Venússia, Fani Baratz, Liana Cardoso, Luitgarde de Oliveira Cavalcanti, Alcione, Janete Mandelblat (penúltima), Ilson Falcone Montenegro. Fileira sentada da esquerda para a direita: Lizete, Yvonne Maggie, D. Marina São Paulo Vasconcelos (Catedrática de antropologia e diretora do IFCS que foi cassada em 1968)

A criação das seções regionais da SBS

Sede (São Paulo)	85
Distrito Federal	40
Pernambuco	7
Paraná	7
Minas Gerais	4
Santa Catarina	8
Total	151

Número de associados da SBS em abril de 1956.

Dois espaços institucionais foram importantes no caso da participação de Minas Gerais na SBS. A Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais (atual Universidade Federal de Minas Gerais), que editava a Revista Brasileira de Estudos Políticos, cujo editor, Orlando de Carvalho viria a presidir a SBS, em 1962, e a Faculdade de Ciências Econômicas, da mesma universidade, na qual foi criada, em 1947, a Escola de Economia e Sociologia Política. Essa instituição alcançou destaque pela qualidade do curso e alta profissionalização, estimulada pelo sistema de bolsas docentes adotado. Alguns dos alunos egressos de seus quadros foram cursar, durante as décadas de 1960 e 1970, pós-graduação na FLACSO/Chile e em universidades norte-americanas. Uma das mais importantes iniciativas da Escola de Economia e Sociologia Política foi a edição da Revista Brasileira de Ciências Sociais, publicada de 1961 a 1966.



Lançamento da Revista Brasileira de Ciências Sociais, 1961, na FACE. Da esquerda para a direita: Vânia Bambirra, Octavio Ianni, Roberto Mattos, Helena Sylvia P. Wanderley Reis e Fábio Wanderley Reis. Acervo pessoal de Fábio Wanderley Reis



FLACSO, em Santiago do Chile, 1962. Da esquerda para direita: Antonio Octávio Cintra, Fábio Wanderley Reis, Teresa Orrego, Susana Prates e Simon Schwartzman. Acervo pessoal de Fábio Wanderley Reis

II Congresso Brasileiro de Sociologia 1962

Balanço e perspectivas da Sociologia no Brasil

(....) o sociólogo brasileiro de nossos dias defronta-se com exigências intelectuais que transcendem aos limites confinados de sua especialidade. Como e enquanto sociólogo, cabe-lhe precípua e especificadamente contribuir para o avanço da pesquisa sociológica no Brasil. Se quiser enfrentar essa obrigação com espírito íntegro, imaginativo e criador, porém terá de compreender que a sociologia não pode medrar onde a ciência é repelida, como forma de explicação das coisas do homem e da vida; e que a ciência só pode expandir-se, efetivamente entre os povos cuja civilização liberte a inteligência e a consciência do jugo do obscurantismo.

Florestan Fernandes, II Congresso Brasileiro de Sociologia, 1962

Mais do que afirmação acadêmica de uma disciplina científica, a sociologia como afirmação de um projeto de mudança cultural, eis o principal mote do congresso realizado em 1962. Para tanto, não seria suficiente, na perspectiva do presidente da SBS, simplesmente melhorar a qualidade da pesquisa realizada, mas também envolver-se com alguns desafios que se colocavam para a sociedade brasileira.



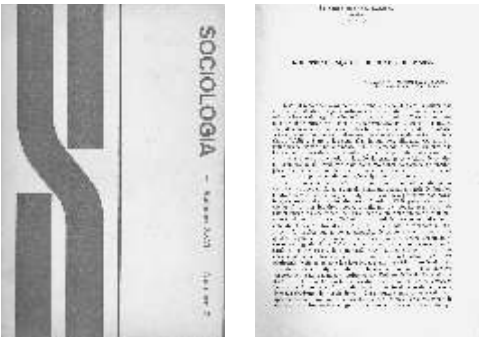
Orlando de Carvalho, presidente da SBS (1962-64), no momento de sua posse como Reitor da Universidade Federal de Minas Gerais em 1959. Acervo pessoal de Guilherme Pinto de Carvalho.



Trabalho apresentado por Moema Toscano, da Universidade do Brasil, durante o II Congresso Brasileiro de Sociologia.

II Congresso Brasileiro de Sociologia 1962

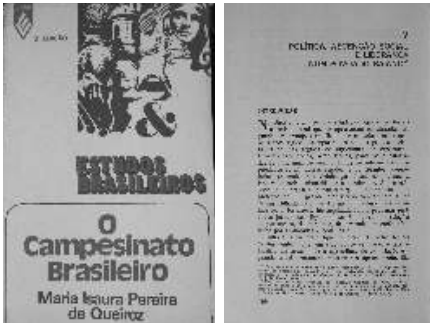
Balanço e perspectivas da Sociologia no Brasil



Trabalho apresentado por Fernando Henrique Cardoso, então docente da USP, no II Congresso Brasileiro de Sociologia. Acervo Instituto Fernando Henrique Cardoso



Campanha pela escola pública realizada em 1960. Florestan Fernandes sentado é o primeiro a direita. Acervo da Companhia da Memória



Trabalho apresentado por Maria Isaura Pereira de Queiroz, da USP, no II Congresso Brasileiro de Sociologia. Acervo Núcleo de Pesquisa em Sociologia da Cultura/UFRJ

Entre eles, nos dois anos que antecederam o congresso, destacou-se a campanha pela escola pública, que mobilizou intelectuais e diversos setores da sociedade durante o processo de tramitação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 4.024/61.

Mudança social e desenvolvimento, temas dominantes no debate intelectual e político das décadas de 1950 e 1960, analisados sob diferentes óticas, deram a tônica dos trabalhos apresentados. Discussões candentes, em torno de questões como reforma agrária e impacto dos processos de industrialização e urbanização, foram realizadas, em sintonia com o processo político em curso na sociedade.

Durante o evento foi eleita a diretoria presidida por Orlando de Carvalho para o período de 1962-1964. Com a implantação do regime militar, as atividades da SBS foram interrompidas e só retomadas em 1985.